



# COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

---

## [Recensão crítica a 'Os Romances de António Lobo Antunes', de Maria Alzira Seixo]

Cristina Robalo Cordeiro

Para citar este documento / To cite this document:

Cristina Robalo Cordeiro, "[Recensão crítica a 'Os Romances de António Lobo Antunes', de Maria Alzira Seixo]", *Colóquio/Letras*, n.º 161/162, Jul. 2002, p. 476-477.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

o autor, a este imputados —, o que reforçaria «uma equivalência entre conhecimento e crime» (p. 46). Tal falta de pudor seria ainda agravada na exacta medida em que em *Apresentação do Rosto* existem «alusões ao incesto que redimensionam o ‘enigmático crime’» (p. 49) — sejam elas directas ou através da referência a Édipo — ou, pelo menos, existe «uma *sexualização* fascinada da mãe» (p. 49).

Segundo Manuel de Freitas, esse impudor teria parecido necessário a Herberto Helder, na altura em que publicou *Apresentação do Rosto*, quer como auto-explicação, «quer — e talvez sobretudo — enquanto exorcismo» (p. 51). Renegar o livro viria, então, a ser um longo e diversificado processo de reocultação do segredo irrevélvel, uma espécie de redenção que, se permite cumprir o voto de silêncio, não deixa também de ser delituosa, uma vez que «as faces do crime» «são inesgotáveis» (p. 51).

*José Ricardo Nunes*

MARIA ALZIRA SEIXO

OS ROMANCES  
DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES

*Col. Nova Enciclopédia*

*Lisboa, Publicações Dom Quixote / 2002*

Este ensaio não é apenas mais um livro a acrescentar à vasta e notável produção científica de Maria Alzira Seixo. Construído com método e rigor, obedece a propósitos que a Autora claramente apresenta no prefácio, como sejam o de realizar o «estudo de conjunto» que se debruce com «atenção discriminada» sobre cada um dos quinze romances de António Lobo Antunes, o de propor «rotas de interpretação que permitam uma consideração global mais ponderada deste conjunto literário, de importância fundamental e decisiva na literatura contemporânea», o de ser «incentivo à releitura» da obra do escritor por parte de «vários tipos de público» (p. 9). Livro escrito «como extensão de uma actividade de professora e de investigadora», nas palavras da A. em entrevista dada à revista *Os Meus Livros*, em Julho de 2002, e que plasma componentes de informação, de formação e de gosto pelo objecto estudado, o ensaio de Maria Alzira Seixo ajuda a situar as inúmeras dificuldades de leitura que os romances de Lobo Antunes levantam, sem pretender resolvê-las, e a entender a parte de questionamento e de provocação que contêm. Trabalhando com um *corpus* extenso e denso, a A. não se demite do olhar atento que perscruta com vagar cada romance, dissecando-o e desmontando-o finamente e, no entusiasmo empolgante que nasce da pró-

pria resistência do texto, deixa transparecer uma relação que é por igual experiência de escrita. Há pois aquela empatia que não aproxima apenas escritor e crítico, mas se estende ao próprio leitor — e não esqueçamos que o leitor de Maria Alzira Seixo é (ou será) também leitor de António Lobo Antunes, qualquer que seja o seu perfil e estatuto.

Neste sentido, o título eleito por Maria Alzira Seixo para o ensaio parece-me significativo: de natureza genérica — *Os Romances de António Lobo Antunes* —, a escolha não indica que a análise crítica não tenha podido fixar um sistema de escrita ou uma poética autoral de alcance transversal ou vertical, mas que propositadamente (des)ilude a ostentação de qualquer linha programática susceptível de imobilizar, fechar ou simplificar o que é movimento, abertura e complexidade. A mesma consideração pode ser feita a respeito de cada capítulo da primeira e da segunda partes, cuja titulação coincide, no primeiro caso, com a do romance tratado, e no segundo, com a linha interpretativa eleita, completada, todavia, por uma expressão da ordem não da indagação doutoral mas da expansão subjectiva. Nestes subtítulos, apostos ao nome do romance ou ao assunto tratado, cabe um programa de leitura e uma direcção analítica orientados pelo pressuposto da «crítica de identificação», resistindo-se assim à formulação de leituras conclusivas ou de conteúdos exemplares que paralise as obras e lhes desvirtuem a resistência. Fica claro que este livro, travejado por forte composição orgânica, escapa às peias do trabalho impositivo, nele se espelhando, a par de grande afectividade, a liberdade interpretativa e discursiva a que o leitor não pode deixar de ser (positivamente) sensível.

Nas três partes que estruturam o ensaio propõem-se três abordagens distintas, mas complementares, da ficção do escritor.

Na primeira — «Os Romances» —, composta por quinze capítulos, prevalece o estudo de natureza analítica centrado em cada obra, tratada pela ordem da sua publicação. Aqui, a A. percorre a galeria dos retratos, desmonta as personagens e a desordem emocional das respectivas vidas, persegue labirintos de tempos e vozes, lugares da memória e das raízes, e denuncia a importância, não tanto das coisas, mas do eco delas na consciência da personagem e dos efeitos (dramáticos) que aí produzem. Chama a atenção para os objectos que se agigantam pela força transfiguradora da escrita, para a riqueza do tecido textual cruzado de falas distintas, para o xadrez de alusões, variações e repetições a enredarem o mundo na vertigem obsessiva das palavras. E põe em evidência, na análise da diversidade dos pontos de vista e das vozes narrativas, a complexidade do travejamento simbólico, analógico e intertex-

tual, declinando os vários registos de que os livros se alimentam, do excesso e da ironia crítica à depuração e à ternura.

Ao desvendar a especificidade destes textos ficcionais, assente em traços distintivos e diferenciadores, Maria Alzira Seixo é sensível à existência de constantes temáticas e técnico-compositivas que neles configuram um universo de extrema (e obsessiva) coerência. Pela forma como os cruza, põe em relevo conexões e obsessões não só no tocante a grandes campos semânticos e linhas isotópicas mas também a pequenos motivos ou modulações. Refira-se, a título de exemplo, o tratamento simbólico da «margem de luz» que percorre *Memória de Elefante*, *Conhecimento do Inferno* e *Não Entres tão depressa Nessa Noite Escura*. E assim, a A. mostra como a diversidade dos quotidianos e dos destinos encenados em cada romance não anula a similitude estrutural, rítmica e «respiratória» que acaba por marcar a própria (relação com a) escrita. E obriga-nos a atentar no corpo dessa escrita que, na repetição, na circularidade e no (que parece ser) excesso, «dilui» o essencial, sendo tal diluição não o lugar onde a palavra perde força mas o momento em que, num esforço de atenção, o leitor descobre a alma do sentido.

A segunda parte — «Questões de Crítica e de Interpretação» — propõe o alargamento interpretativo, em termos comparatistas, a três tópicos cruciais — a autobiografia, o pós-colonialismo e a prosódia —, cuja abordagem é sempre legitimada pela A. em termos de reflexão teórica. É assim que procede quanto à questão do pós-colonial, partindo da dilucidação da problemática da «periodização», «especificidade» e «generalização» do conceito adoptado, perspectivado em múltipla funcionalidade, enquanto motivação pretextual de escrita, motivo tematizado ou indutor do processo de publicação. A questão da autobiografia é encaraada na recusa do simplismo que introduziria

«na leitura dos textos reconhecimentos específicos da existência do escritor enquanto factores decisivos de um saber» (p. 475), devendo o «traço que remete para a figura» do autor — e são aqui tantos e tão numerosos! — ser lido como «uma interpelação do texto em relação àquele que o lê» (p. 476), sendo que a obra é sempre investimento de quem escreve, da sua cultura, trabalho e talento. A análise da prosódia do texto ficcional de Lobo Antunes é inseminada pelas próprias palavras do romancista, na crónica intitulada «Receita para Me Lerem»: «É preciso que se abandonem ao seu aparente desleixo, às suspensões, às longas elipses, ao assombrado vaivém de ondas que, a pouco e pouco, os levarão ao encontro da treva fatal, indispensável ao renascimento e à renovação do espírito», das quais faz ponto de partida da reflexão sobre a qualidade poética da prosa romanescas de Lobo Antunes.

A terceira parte — «Notas Auxiliares» — obedece a intenção de natureza mais pedagógica, oferecendo instrumentos de trabalho preciosos — «Resumos e Guiões de Leitura», «Tábua de Matérias» e «Referências Bibliográficas» — que, pela despistagem de tópicos de várias ordens (semântica, discursiva, histórico-literária, crítica ou teórica) e sobretudo pela apresentação clara da estrutura externa dos romances e da condensação das intrigas e das várias etapas de cada percurso diegético, ajudam o leitor a navegar na turbulência destas ficções.

Valorizando claramente o (contacto com o) texto, o ensaio de Maria Alzira Seixo apresenta a totalidade da obra ficcional de António Lobo Antunes — na complexidade das suas figuras narrativas e das suas modalidades enunciativas e estruturais — como unidade e sistema. E desafia-nos a uma leitura cujo prazer nascerá da descoberta desse diálogo de concertos e desconcertos em constante conflito e tensão.

Cristina Robalo Cordeiro